

Paris é uma festa

Paulo Gadelha
Desembargador Federal do
TRF da 5ª Região

Ernest Hemingway , o genial criador de “O velho e o mar”, um dos mais lidos livros de todos os tempos, é autor de uma sentença que fez história, aquela que muitos repetem, talvez sem saber, sem conhecer as suas raízes, ou melhor, a sua origem.

Refiro-me à metáfora que, merecidamente, ganhou realce internacional. A frase é essa: “Paris é uma festa”.

Para muitos – aliás para grandes nomes dos segmentos econômicos, políticos, sociais, intelectuais de todos os continentes – a imagem candente seria uma homenagem poética ao charme, à beleza, aos encantos da “cidade-luz”.

Não foi esse o sentido da mensagem do autor de “Por quem os sinos dobram”.

É bem mais modesto o real propósito da afetiva citação.

O episódio é bem mais simples do que imagina a nossa aligeirada filosofia.

O mimo verbal dirigido ao chão sagrado de Paul Sartre foi proferido em situação singular.

O escritor norte-americano encontrava-se, na capital francesa, hospedado em um hotel que ficava nas cercanias da Torre Eiffel.

Múltiplo, dinâmico, polivalente, sempre convocado para grandes eventos internacionais, não tinha tempo para administrar, com melhor zelo, a sua movimentada agenda.

Assim, de inopino, é chamado a Nova York.

Dirige-se ao hotel, paga a conta, despede-se dos empregados, esquecendo, todavia, de levar as suas malas, nas quais se encontravam textos, anotações, verbetes, atinentes à produção literária que escrevia sobre Paris e a França.

Vinte anos depois, o destino e a necessidade cultural o trazem de volta à trepidante metrópole francesa.

Em Paris, o mesmo hotel, o mesmo apartamento, outros funcionários.

Feito o check in, no apartamento em que se hospedara há vinte anos, achavam-se as duas malas, intactas, intocadas, como se fossem duas virgens históricas.

Daí, o espanto da frase que virou lenda: “Paris é uma festa”.

O mundo a eternizou, com o respeito e reverência ao seu autor.